

## IX. Marginalidade

Sonia Altoé

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALTOÉ, S. Marginalidade. In: *Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 87-95. ISBN: 978-85-99662-95-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## IX. MARGINALIDADE

Nas entrevistas que realizamos com os ex-internos, a marginalidade aparece como um possível encaminhamento na vida social. Apesar de todos os perigos que a vida do crime oferece, a possibilidade de se tomar um marginal é viável, na medida em que o ingresso no mercado de trabalho se dá a partir de atividades de sub-emprego, que não lhes oferecem condições de garantir a sua subsistência.

Assim, o encaminhamento para a marginalidade aponta o que tentaremos desenvolver a seguir: a contribuição do internato, as “influências recebidas” e os perigos da chamada “vida do crime”.

### 1. A contribuição do internato

Com o encaminhamento do ex-interno para a vida marginal podemos refletir sobre a eficácia do internato e sobre o tipo de indivíduo que esta instituição produz.

Oficialmente, a proposta da FUNABEM é de oferecer condições adequadas aos seus alunos para que estes, ao se desligarem da instituição, possam entrar no mercado de trabalho e se inserirem socialmente. Na verdade, as condições que foram dadas aos ex-alunos não lhes permitem participar diretamente do processo produtivo, devido ao pouco estudo e à profissionalização inadequada. Ficam compelidos a atividades no mercado informal. A sua rede de relações sociais há muito tempo foi desfeita, ou mesmo inexistiu, devido às imposições do funcionamento institucional que afastaram o aluno do convívio social. Com isso, ao se desligar do internato, ele enfrenta sem preparação adequada um meio social pouco tolerante, que espera dele uma boa qualificação profissional e um bom desempenho. Sem essa qualificação, que poderia facilitar a sua inserção social, é impelido para o mundo marginal, visando garantir de qualquer modo sua sobrevivência. Porém, como veremos no item 3, a “vida marginal” requer uma experiência distinta da que tiveram no internato.

O internato, além de não preparar seus alunos para competir no mercado de trabalho, propicia indiretamente que tenham experiência com furtos, fugas e tóxicos. Alguns ex-internos consideram que essas experiências vividas dentro do colégio interno contribuíram para que mais tarde, na sociedade, entrassem em contato com o mundo marginal. Assim sendo, o funcionamento do internato permite aos internos o contato com a marginalidade, mas não lhes dá a liberdade de conhecer as regras que comandam a vida marginal fora dos muros do internato.

Muitas vezes ainda dentro do internato é que o interno recebe a marca de marginal por praticar atos banais, que num convívio social mais amplo são tolerados. No internato, entretanto, são vistos e tratados como atos intoleráveis, que pedem punição severa, como, por exemplo, a ida para uma escola dos chamados “infratores”. Ao enviarem o interno para uma escola de “infratores” as autoridades institucionais além de o marcarem com outro estigma, encaminham-no para a convivência com indivíduos que já se marginalizaram.

– Ele (um aluno) apanhou um negócio lá na casa de um homem, vivia apanhando cana, cavalo. Então, aquela coisa banal, que acontece com pessoa de menor, acontece com todo mundo. Aí o diretor dramatizou as coisas e mandou ele pro Padre Severino<sup>21</sup> (Heraldo, 20 anos).

Este tipo de punição exagerada, imposta ao interno juntamente com a experiência de humilhação e abandono, pode levar o indivíduo a atitudes de extrema violência quando este sai do internato, e não consegue um lugar no processo produtivo. Talvez, a violência que ele expressa seja um reflexo de sua própria experiência no internato. Sua vivência como interno foi marcada pelo abandono e pela falta de uma relação afetiva significativa, fatores estes considerados por vários autores como responsáveis pela não valorização positiva da vida (Bowbby, 1981, Winnicott, 1975).

– Você pode ver que no colégio interno, as pessoas que são do colégio interno se tomam marginal são super violento, mas pode ver na relação dos marginal que se prepara, os marginal na sociedade e os da FUNABEM. Esses da FUNABEM são

---

<sup>21</sup> Escola de Infratores da FUNABEM situada no Rio de Janeiro.

super violentos porque eles não têm nada a perder, não têm família, não têm nada. Quer dizer, existe essa posição que já foi marginalizado, já foi, quer dizer, foi sofrido. Aí quer dizer, quando encontra uma vida aberta de roubar, aí, aí é que ele mesmo, aí é que ele se toma mais violento mesmo; aí que eles são o caso de ex-aluno da FUNABEM que viram marginal e são super violentos mesmo por causa disso. Por ter passado por muita coisa, muita humilhação e outras coisas mais (Heraldo, 20 anos).

A marginalidade, para os ex-internos entrevistados, é representada pelo “mundo do crime”. Segundo eles, o marginal é aquele que se envolve com tráfico de drogas (“maconheiro”), que vive na “banditagem” (“que só imagina matar”) e que “inventa” suas próprias leis. Desta forma, a marginalidade é sempre relacionada ao mundo do crime.

A partir da fala dos entrevistados podemos pensar que o ex-interno, ao se desligar do internato, não se percebe como um indivíduo adulto que tem deveres e direitos a cumprir dentro da sociedade. Isto certamente se deve, em parte, ao funcionamento institucional que não permite ao jovem participar de rituais de passagem que o ajudariam a se perceber enquanto adulto. Para aqueles que se encontram na marginalidade, a maioria só é percebida a partir do momento em que são pegos pela polícia e vão para o presídio. Assim o fato de estar preso, tendo que responder por seus atos, dá ao jovem a noção de que é “de maior”. O ex-interno se percebe enquanto adulto a partir de um código penal e de uma punição. Assim, a maioria, para eles, está muito mais relacionada à sanção que recebem do que aos direitos.

Em todas as entrevistas, não tivemos por parte dos ex-alunos a afirmação da condição de marginal, até mesmo daqueles que se encontravam na penitenciária. Nas entrevistas sempre relatavam a história de um amigo marginal, contudo era frisado que não mantinham mais contato com este. Dessa forma é sempre o outro que está na marginalidade. Acreditamos que a negação da condição de marginal se deve a vários fatores:

a) Em muitas entrevistas, em especial as realizadas com os detentos, não foi possível manter uma relação de confiança entre

pesquisadores e entrevistados que possibilitasse a eles falarem de alguma vivência marginal. A relação estabelecida era colocada sob suspeita<sup>22</sup>.

b) Para os detentos, nós éramos vistas como representantes do mundo social, sendo necessário, então, que se apresentassem dentro da ideologia da recuperação (Ramalho, 1979, p.II3), como indivíduos que estavam se recuperando para reingressarem na sociedade.

c) A negação da condição de marginal pode ser entendida também pela necessidade dos ex-internos serem reconhecidos como indivíduos aceitos na sociedade, afastando com isso o estigma da marginalidade.

( – E como você, se sentia, como policial encontrando um ex - aluno?) – Eu sentia uma tristeza muito grande, porque eu tive várias chances de estar na mesma situação, de várias fontes me levando para ali, mas eu tive uma força maior, que me impedia de me levar para lá. (João, 31 anos, detento, ex-policia).  
– Fiz amigos mas não procuro eles muito não. Eles andam numa vida que não serviu pra mim. Então, por exemplo (...) eu sigo uma linha eles seguem outra ... Eu não posso seguir eles senão acabo me danando todo. Então, é o seguinte: se a pessoa quer aquela vida tudo bem, se a pessoa não quer, afasta é melhor ainda (Evandro, 20 anos).

– Fiz amigos mas não procuro eles muito não. Eles andam numa vida que não serviu pra mim. Então, por exemplo (...) eu sigo uma linha eles seguem outra ... Eu não posso seguir eles senão acabo me danando todo. Então, é o seguinte: se a pessoa quer aquela vida tudo bem, se a pessoa não quer, afasta é melhor ainda (Evandro, 20 anos).

## 2. “Influências recebidas”

Veremos agora algumas justificativas encontradas pelos ex-internos, para a entrada no mundo marginal. A maioria dos ex-internos justifica o encaminhamento para a marginalidade, a partir de uma visão individualista da questão. Assim, a escolha desse tipo de vida é sempre uma opção individual sem levar em conta um conjunto de fatores concorrentes. Essa visão individualista faz parte de uma ideia de culpabilização do indivíduo inculcada pelas autoridades institucionais do internato. Com esta ideia, o indivíduo é culpado por

<sup>22</sup> Todos esses entrevistados a que nos referimos são pessoas com as quais estabelecemos conhecimento com o objetivo de realizar a entrevista, não havendo um relacionamento anterior entre pesquisador – entrevistado.

estar na marginal idade, retirando-se qualquer responsabilidade do internato e atribuindo a este uma representação de lugar “bom” onde é oferecido ao interno a oportunidade de estudar e se profissionalizar. Dessa forma é considerado que aqueles que não são capazes de aproveitar do que o internato oferece é porque já carregam em si a tendência a se tomarem um marginal. A eficácia dessa inculcação pode ser observada na fala a seguir.

– Muita gente da minha época fez muita besteira, depois que saiu de lá. Mas eu acho que por desequilíbrio da própria família, porque o colégio deu o que ele pôde, quer dizer, ele deu o máximo que ele pôde, pegou quem tinha condições de pegar, né (Adelaide, 35 anos).

Um outro fator considerado importante consiste nas influências recebidas de amigos de rua ou de internato, que já estão tendo uma prática de vida considerada marginal. Novamente a responsabilidade recai sobre o indivíduo que não sendo “forte” o bastante para resistir, também é levado a se tomar um marginal:

– Assim, o que me levou, talvez, a enveredar no crime foi uma influência da... Eu vi coisa, sinceramente, porque ali eu vi coisas muito desagradáveis, de pessoas fumando maconha, homem fazendo o outro de mulher. Então, ali, eu vivi em meio muito promíscuo – a vida nesse colégio interno. Mais não foi só o colégio interno. Foram as influências, quando eu cheguei onde eu morava, de ver os rapazes novos com relógio, cordões, e eu me deixar levar por aquilo. (Henrique, 33 anos, detento).

Outra justificativa encontrada é a do “pulo do gato”. Nela ninguém consegue sobreviver percebendo um salário mínimo, tendo como saída para esta equação salarial a prática de pequenos furtos que vem contribuir para a economia doméstica e para a aquisição de bens de consumo. Talvez esta justificativa fuja um pouco da visão individualista na medida em que, nela, o indivíduo não é responsabilizado por ter uma vida marginal.

– Então com 40 mil e 800 cruzados (salário mínimo na época), como vive uma pessoa lá fora, como vai sobreviver, ainda mais sendo chefe da família. Não vou dizer, nem muito um casal com dois filhos. Com 40 mil não vai conseguir grande coisa, é onde é que, as vezes, a pessoa tem que dar o

pulo do gato, certo! Então, de um jeito ou de outro, tem que arranjar qualquer coisa por fora pra poder ajudar. Aí a gente é o seguinte né... Eu trabalhar, eu trabalhava! Mas às vezes, a pessoa vê condição de arrumar um dinheiro, as vezes, mais fácil, a pessoa não vai se sacrificar tanto, certo? Apesar de hoje em dia eu tô, como se diz, eu tou sofrendo na carne, né as responsabilidades do que eu fiz, os atos que eu pratiquei, mas tá tudo certo, pelo menos já deu para eu sentir o outro lado da vida. Mas eu acredito devido esse acontecimento, que eu tive que dar o pulo do gato porque com o salário mínimo não dá pra bancar um chefe de família lá fora (Daniel, 29 anos, detento).

Outro fator, considerado por eles, como responsável pela entrada no mundo da marginalidade, é a falta de apoio familiar. A relação que é estabelecida entre os ex-internos e a família é marcada por conflitos existindo a vivência de sentimentos hostis em relação aos parentes que os abandonaram no internato e não os apoiaram quando foram desligados deste.

– O que eu fiz pra mim vir preso? Eu não encontrei apoio de ninguém, de pessoa nenhuma, quando eu achei o meu pai e a minha mãe eles deram uma casa pra mim morar e depois eles exigiram que eu tinha que pagar luz, aluguel, esse negócio todo. Aí eu me revoltei com aquilo. Aí saí de casa e entrei em cana, tô até agora em cana. Fui obrigado a roubar não por esporte, por necessidade (Benedito, 39 anos, detento).

Apesar de colocarem a responsabilidade na falta de apoio familiar, eles preservam todo o contato possível com a família, chegando a representá-la da maneira idealizada. Os detentos, em especial, valorizam a família, tanto a de origem, quanto a de procriação e a consideram como mediador entre a prisão e o mundo social.

– É, e tô até agora preso. E agora o meu pai, a minha mãe vem me visitar de vez em quando. Arrumei uma mulher, a mulher também me dá um apoio fora de série. Quer dizer, eu tenho duas filhas e eu tô querendo sair daqui agora e a minha opção é trabalhar (Benedito, 39 anos, detento).

### 3. Perigos da chamada “vida do crime”

A marginalidade leva o indivíduo a viver situações que o colocam frente a vários perigos, inclusive a perda de sua vida. Vários ex-internos relatam a perda de amigos do colégio interno, em combate com a polícia ou em disputa entre marginais.

– Era ex-aluno da FUNABEM. Eles foram roubar um objeto e aí roubaram uma velhinha. Velhinha de idade, né? Roubaram e chegou uma pessoa, acho que foi o pessoal do Morro do Saçu. Deram tiro neles, pra matar mesmo e pegaram. Um pegou aqui e outro na cabeça. (Claudionor, 20 anos).

Para os ex-internos, ser um marginal, como aqueles divulgados pela imprensa, implica em ter uma vivência distinta da que tiveram no internato. Podemos pensar, então, que as mortes dos ex-internos se devem ao fato de que esses jovens não possuem uma vivência do mundo marginal, que lhes possibilite conhecer as regras estabelecidas entre o mundo do crime e a polícia. Esse desconhecimento das leis da marginalidade coloca-os frente a um mundo no qual uma atitude considerada errada pode, inclusive, significar a sua morte.

– Eles pensam em ser um grande marginal tipo Escadinha, esses caras. Ser dono de boca de fumo, mas só que eles são muito jovens, cara novo. Eles pensam que a vida ...Escadinha, essas pessoas, eles pensam que entraram assim... de patada, saíram dando patadas em todo mundo. Foram os caras que souberam usar a cabeça, então, para entrar nessa vida, tem que usar a cabeça. Se não usar a cabeça na primeira entrada de perna que ele der, ele escorrega, cai, entendeu? Morre. Dá adeus ao mundo (Ricardo, 18 anos).

U ma outra experiência que os coloca também frente à morte é a prestação de informações à polícia. Neste serviço, o ex-interno é utilizado como alcaguete que se infiltra no tráfico de drogas para conseguir informações que levem a polícia à apreensão de drogas e à prisão de traficantes. O indivíduo que presta este tipo de serviço é mais conhecido como “X-9” ou “peito-de-aço”, pois num confronto entre polícia e traficante, eles se colocam à frente sendo os primeiros a morrer. Assim, de acordo com Foucault (1981, p. 132), a polícia estrategicamente utiliza um contingente de ex-alunos, fazendo-os viver a ilusão de serem policiais, sonho da grande maioria deles,

quando na verdade apenas servem à polícia sendo expostos em demasia e, portanto, facilmente eliminados. A polícia estabelece com estes “X-9” um jogo perverso que invariavelmente leva-os a morte.

– Prestam serviços. Muitos deles morrem, morrem porque são obrigados a interferir na bandidagem que é o Rio de Janeiro, hoje em dia, né? Então quando eles voltam no local a polícia coloca eles com ‘peito-de-aço’. Quando ele tá na blitz é como se fosse um detetive, ele tem que se infiltrar na bandidagem. Vai lá, compra um bagulho ... Aí quando vai ter a blitz, então eles que entram na frente. Os bandidos geralmente metem fogo neles, são os primeiros mortos (César, 30 anos).

A vida marginal é marcada por confrontos entre marginais e a polícia. Nesses confrontos existe a possibilidade dos marginais serem mortos ou presos ficando então confinados num presídio onde os riscos por vezes são maiores do que na vida social. No decorrer da pesquisa tivemos acesso à penitenciária “Milton Dias” onde foram realizadas algumas entrevistas com ex-internos detentos<sup>23</sup>. Eles relataram que a vida na prisão é bastante tensa e a preocupação em estar vivo é constante. Assim a vida na prisão – local onde os detentos deveriam estar protegidos – é tão arriscada quanto a de um marginal que se encontra em liberdade, só que na prisão não há muitas opções de se preservar a vida. Especialmente no período em que realizamos as entrevistas, na penitenciária havia um clima de forte tensão devido a transferência de determinados detentos, que fazem parte da Falange Vermelha, para um presídio de segurança máxima<sup>24</sup>.

– Eu também tô isolado, certo? No momento comesse movimento, eu me senti um pouco oprimido. Eu senti também certas pessoas cabulosas rondando a porta do meu cubículo.

<sup>23</sup> O recente censo penitenciário realizado no Rio de Janeiro pelas Secretarias de Justiça e Planejamento com a participação do IBGE revela que dos 8672 presos do Estado, 21 % (1821) são egressos da FUNABEM.

<sup>24</sup> A Falange Vermelha é uma organização que é acusada de controlar grande parte do tráfico de drogas do Rio de Janeiro. Na época da realização das entrevistas ocorreram várias mortes na penitenciária sendo, inclusive, adiado por diversas vezes nosso comparecimento ao Complexo Frei Caneca. Todos os entrevistados relataram que estavam no “seguro” – local da penitenciária onde os detentos ficam sob uma maior segurança.

Eu senti a morte de perto. Então eu senti que, às vezes, eu posso morrer de uma hora pra outra e se eu puder preservar um pouco mais a vida, tem que preservar (Daniel, 29 anos, detento).

A passagem do ex-aluno para a marginalidade, como já foi visto anteriormente, se dá a partir de várias tentativas fracassadas de inserção social através do trabalho. A marginalidade, então, é a maneira encontrada por eles para sobreviver. Contudo, a vida marginal não é tolerada no meio social, sendo necessário de algum modo conter esses indivíduos dentro de um controle social. Assim, é exigido do Estado o controle desses indivíduos e é através do poder judiciário e da polícia que se tenta contê-los e organizá-los. A prisão surge, então, como a instituição tutelar que isola, controla e que pretende devolver esses indivíduos “recuperados” à vida social. É interessante notar que, no caso dos ex-alunos detentos, a prisão toma-se seu segundo tutor, na medida em que o internato também funciona como uma instituição tutelar. Assim, para aqueles ex-alunos que descrevem uma trajetória de vida passando pelo internato, pela polícia e pela prisão, observa-se que o predomínio do poder e tutela do Estado no controle de suas vidas é total.